

Setúbal
Arqueológica

Vol. 14
2013

Pré-história
das **Zonas Húmidas**
Paisagens de Sal

Prehistory
of **Wetlands**
Landscapes of Salt

Joaquina Soares (ed.)

Setúbal
Arqueológica

Vol.14
2013

Pré-história
das **Zonas Húmidas**
Paisagens de Sal

Prehistory
of **Wetlands**
Landscapes of Salt

Joaquina Soares (ed.)



Setúbal Arqueológica

Vol.14
2013

- Edição** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- Direcção** Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
- Título** PRÉ-HISTÓRIA DAS ZONAS HÚMIDAS. PAISAGENS DE SAL / PREHISTORY OF WETLANDS. LANDSCAPES OF SALT
- Edição** MAEDS/ADS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal & SIMARSUL, S.A.
- Coordenação** Joaquina Soares
- Capa** Fotografia de Rosa Nunes | *Caminhos imprevisíveis do sal* da série *Águas de Silêncio*
- Tradução** Barbara Polyak
- Paginação** Ana Castela
- Impressão e acabamento** Belgráfica, lda
- Informações e permutas** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
Fax: +351 265 527 678
E-mail: maeds@mail.telepac.pt
Site: www.museu-maeds.org
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.com/>
- Copyright®** 2013, Autores e MAEDS
- ISSN** 0872-3451
- Depósito Legal** 362428/13
- Tiragem** 500 exemplares
- Alto patrocínio** LISNAVE. Estaleiros Navais, S.A.
- Apoio** APSS - Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA



Índice

Joaquina Soares	13
Caçadores-recolectores semi-sedentários do Mesolítico do paleoestuário do Sado (Portugal)	
Nuno Bicho, Telmo Pereira, Célia Gonçalves, João Cascalheira, João Marreiros, Rita Dias	57
Os últimos caçadores-recolectores do vale do Tejo: novas perspectivas sobre os concheiros de Muge	
Mário Varela Gomes	69
Castelo Belinho's village (Portimão Algarve) and the sea. Landscape, resources and symbols	
José Ramos, Salvador Domínguez-Bella, Juan Jesús Cantillo, Eduardo Vijande, Manuela Pérez	85
Novidades en el conocimiento de las sociedades tribales neolíticas en la banda atlántica de Cádiz. Explotación de recursos marinos e hipótesis del uso de la sal	
João Luís Cardoso	113
A evolução do paleoestuário da ribeira de Barcarena entre os finais do VI milénio e os finais do III milénio a.C. segundo a presença de <i>Ostrea edulis</i> L.	
César Neves	123
A evolução do processo de neolitização numa paisagem estuarina: a ocupação do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal)	
Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva	145
Economia agro-marítima na Pré-história do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta	
Joaquina Soares	171
Sal e conchas na Pré-História portuguesa. O povoado da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo)	
Maria da Conceição Freitas, César Andrade, Tiago Silva, Celso Pinto, Alexandra Amorim	197
Evolução holocénica da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo)	
Anne Schmitt	219
Composition chimique des céramiques et des argiles de Ponta da Passadeira	
Leonor Rocha	225
A Praia do Forte Novo. Um sítio de produção de sal na costa algarvia?	
F. Javier Abarquero Moras, Elisa Guerra Doce, Germán Delibes de Castro, Ángel L. Palomino Lázaro, Jesús del Val Recio	233
Explorações pré-históricas de sal nos arredores das lagunas de Villafáfila (Zamora, Espanha)	
Serge Cassen, Olivier Weller	255
Idées et faits relatifs à la production des sels marins et terrestres en Europe, du VIe au IIIe millénaire	

A Praia do Forte Novo. Um sítio de produção de sal na costa algarvia?

Leonor Rocha*

Resumo

O sítio arqueológico existente na Praia do Forte Novo foi identificado no ano de 1999, por Joaquim Jacinto da GEONAUTA que comunicou a descoberta à Extensão do Instituto Português de Arqueologia – Extensão de Silves. Face à importância do sítio e atendendo à sua localização e perigo de destruição, decidiu o IPA realizar uma curta campanha de escavação, com o intuito de recolher alguma informação.

Apresentam-se aqui os resultados obtidos com a intervenção e as possíveis interpretações para este sítio, face às novas realidades identificadas no decurso dos últimos anos.

1. Do sítio e do espaço

O sítio neolítico da Praia do Forte Novo localiza-se, actualmente, na praia do Forte Novo, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé e encontra-se normalmente coberto pela areia da praia (Fig. 1).

Os estudos realizados nas ruínas romanas ao largo de Quarteira (Teixeira, 1999) indicam-nos que no período neolítico este local se situaria a cerca de 1 km da costa, junto a uma lagoa existente na Ribeira de Quarteira.

Tentar ler, perceber e reconstruir este espaço cénico na Pré-história é uma tarefa virtualmente difícil. Não só porque toda a faixa litoral algarvia se encontra completamente descaracterizada pelos empreendimentos imobiliários mas, também porque como os estudos realizados atestam (Teixeira, 1999), a linha de costa sofreu um recuo muito acentuado desde o período romano, desconhecendo-se qual o grau de erosão para os 3 mil anos anteriores.

A cartografia dos sítios neolíticos (*antigo*, *médio* e *final*) registados na base de dados Endovélico permite-nos verificar que os sítios de habitat

(considerando aqui toda a panóplia de registos possíveis desta base de dados, *jazida*, *vestígios diversos*, *habitat*, *povoado*, *estação de ar livre*, *achado(s) isolado(s)*, *abrigo* e *acampamento*) se implantam preferencialmente na orla costeira do Barlavento algarvio (Fig. 2), nas bacias sedimentares e depósitos terciários e quaternários, com terrenos arenosos e soltos, pouco produtivos para algumas culturas actuais (à excepção da vinha) mas fáceis de trabalhar numa agricultura tradicional e rudimentar (Medeiros, 1987; Ribeiro, 1987, 1998). Nesta área a rede hidrográfica também se apresenta mais densa, com algumas ribeiras com caudal permanente e navegabilidade para o interior, como é o caso das ribeiras de Odiáxere e do Arade.

O sítio da Praia do Forte Novo localiza-se no limite Oeste do Sotavento, marcando o início da rarefacção do povoamento neolítico para Este. Partindo do princípio que o coberto vegetal, recursos naturais e formas de relevo seriam semelhantes às actuais, com arribas mais ou menos pronunciadas

* CHAIA/Universidade de Évora



Fig. 1 – Localização do sítio neolítico da Praia do Forte Novo (Quarteira, Loulé). Imagem Google Earth.

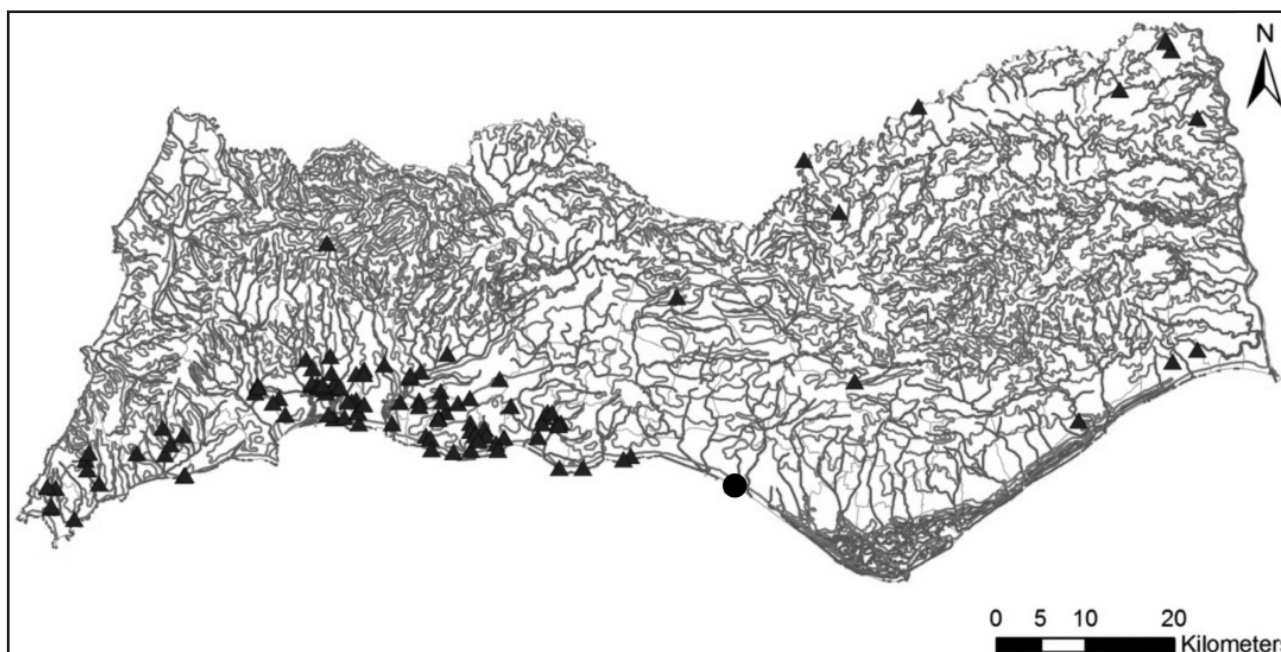


Fig. 2 – Sítios neolíticos do Algarve. Círculo: Praia do Forte Novo. Elaborado por Gertrudes Branco. Fonte: Endovélico (IGESPAR)

junto ao mar, não deveria existir uma linha de visibilidade directa sobre o mar. No entanto, a lagoa da ribeira de Quarteira que poderia funcionar como um estuário permanentemente aberto ou, como a Lagoa de Albufeira (Sesimbra) com aberturas sazonais, permitiria o acesso fácil à costa, a recursos estuarinos/marinhos e também às águas salobras ou mesmo salgadas, necessárias à produção de sal.

Na área adjacente ao povoado foram identificados restos de um provável bosque de *Pinus*, atestado pela presença de inúmeros fragmentos de troncos de diferentes dimensões espalhados ao longo da praia. As datações realizadas em amostras

recolhidas nos 2 troncos de maiores dimensões e em carvões das estruturas de combustão atestam a existência de um bosque em data anterior ao estabelecimento do povoado (Quadro 1).

As sondagens arqueológicas efectuadas pela signatária e Pedro Barros, em Junho de 1999, facultaram-nos algumas informações e datações de C^{14} do sítio, mas não nos permitiram esclarecer quais as suas reais dimensões (Rocha e Barros, 1999/2000; Rocha, 2004).

De facto, a sua implantação dentro dos limites da actual preia-mar impuseram grandes condicionantes à escavação que acabou por se cingir à

abertura de 13m², sendo que destes apenas se conseguiu escavar integralmente 1 m² – o quadrado C3 (Fig. 3). Os dados obtidos por esta intervenção encontram-se muito truncados uma vez que não nos foi possível reconhecer os limites do sítio nem a sua funcionalidade. Também a erosão marinha poderá ter destruído boa parte do sítio arqueológico.

No entanto, a sondagem A realizada o mais a Norte possível do sítio revelou-nos uma sequência de níveis de areias, com alguns (escassos) fragmentos cerâmicos muito rolados, indiciando tratar-se de uma área já exterior ao povoado.

2. Do espólio à funcionalidade do espaço

Tentar interpretar um sítio com estas características a partir do espólio recolhido não é, de todo, uma tarefa fácil, uma vez que se trata de uma informação parcelar e muito truncada. Parcelar porque não se conseguiu escavar na íntegra toda a área a descoberto (Fig. 3); truncada, porque desconhecemos a real dimensão do sítio ainda conservado e do destruído pela erosão marinha.

O espólio recolhido foi relativamente abundante, mas pouco diversificado uma vez que se resume a um conjunto significativo de fragmentos de cerâmica (7562) e a um reduzidíssimo número de elementos de pedra lascada (3), para além de alguns (escassos) seixos, junto das estruturas identificadas.

No quadrado integralmente escavado (C3) foi possível verificar que não existiam quaisquer diferenças no espólio, em termos altimétricos, o que parece evidenciar um único momento de ocupação deste espaço.

Na relação presença/ausências da cultura material, o sítio da Praia do Forte Novo sobressai desde logo pela [aparente] ausência da pedra polida, dos elementos de mó e mesmo da pedra lascada, por comparação com outros sítios que apresentam cronologias semelhantes. Naturalmente, como se referiu anteriormente, estas ausências não podem ser consideradas como absolutas, mas apenas as leituras possíveis face aos dados existentes.

Partindo da análise dos fragmentos de cerâmica recolhidos poderemos [tentar] chegar a algumas análises sobre a eventual funcionalidade deste sítio, ou pelo menos, da área intervencionada.

O conjunto cerâmico é maioritariamente constituído por formas lisas (apenas se recolheu um fragmento indiferenciado com um sulco, no Qd E8 – [24]), com carenas médias a baixas, formas tendencialmente fechadas e com mamilos, sobretudo abaixo do bordo.

Os fragmentos recolhidos apresentavam-se, em regra, bem conservados em termos de pastas e de fracturas. Nalguns locais foi possível recolher conjuntos de fragmentos em conexão.

Em termos de acabamentos e não obstante a erosão e concreções marinhas, algumas das peças apresentam um excelente acabamento, com superfícies avermelhadas, muito polidas.

Nas áreas de combustão, as pastas eram muito negras e pouco compactas – muitas delas desfaziam-se ao toque ou quando se tentavam lavar.

As formas cerâmicas presentes são maioritariamente simples (taças hemisféricas e potes) de dimensões variáveis e bordos simples (em bisel ou arredondados, não espessados) – ver Figs. 4 - 6.

Este tipo de recipientes cerâmicos encontra-se presente nos povoados neolíticos mais antigos mas mantêm-se em funcionalidade até momentos mais recentes. No entanto, a ausência absoluta de pratos de bordos espessados, a fraca representatividade de formas carenadas corrobora a tendência mais antiga deste povoado, dentro do Neolítico médio/final.

Em termos espaciais, a escassa área escavada acarreta, naturalmente, uma série de limitações intransponíveis e que condicionam todas as leituras que se podem fazer sobre a (s) funcionalidade (s) deste sítio. Também o facto das cerâmicas recolhidas terem sido todas tratadas em laboratório (dessalinizadas) nos impede de tentar outro tipo de abordagens (como a realização de análises químicas) que, neste caso, poderiam também não ser conclusivas, uma vez que todo o sítio (e espólio) se encontra debaixo de água salgada.

Apesar destes constrangimentos, creio que a comparação das estruturas de combustão identificadas, com muitos fragmentos de cerâmica e nódulos de barro nas imediações/limites e os buracos de poste a par da cultura material nos possibilitam esboçar algumas propostas interpretativas, atendendo aos novos dados surgidos nos últimos anos em sítios melhor caracterizados em termos espaciais e artefactuais.

Quadro 1 - Datas obtidas sobre amostras de troncos (Praia) e em estruturas de combustão (Lareira).

Amostra	Material	Data ¹⁴ C BP	Data cal BC 2 sigma	Obs.
SAC-1606	Madeira	4150±80	2911-2470	Lareira
SAC-1637	Madeira	4570±90	3617-3590	Lareira
			3527-3020	
			2987-2927	
SAC-1700	Madeira	4430±120	3496-3460	Lareira
SAC-1580	Madeira	6090±60	5211-5164	Praia
			5142-4894	
			4886-4840	
SAC-1639	Madeira	6270±100	5430-5393	Praia
			5387-4946	

Quadro 2 - Espólio recolhido no povoado da Praia do Forte Novo

Praia do Forte Novo																			
		UE													Total				
		2	3	4	6	9	11	12	14	16	19	22	24	26		29	31		
Fragmentos	Simple	1532	70	1628	12	41	225	118	35	456	14	214	1698	249	253	301	6846		
	C/perfuração	4		3					1	2		3	11					24	
	C/mamilo duplo	1		1															2
	C/mamilo simples	8		5			3			3			9						28
	C/carena simples	20	4	24		1	5	1		9		10	1	7		11			93
	C/carena +mamilo	1					1			1				2					5
	Fundo	1		1															2
Bordos	Simple	86	17	129	1	5	11	7	2	33		42	106	38		32	509		
	1 perfuração	2		3									3			1	9		
	C/mamilo	12		2				1	1			2	5	3		2	28		
	C/carena	1															1		
Líticos	Pedra lascada			1											1		2		
	Seixos	3	1	1		3			1				1	4			14		
Totais		1671	92	1798	13	50	245	127	40	504	14	271	1836	302	253	347	7563		

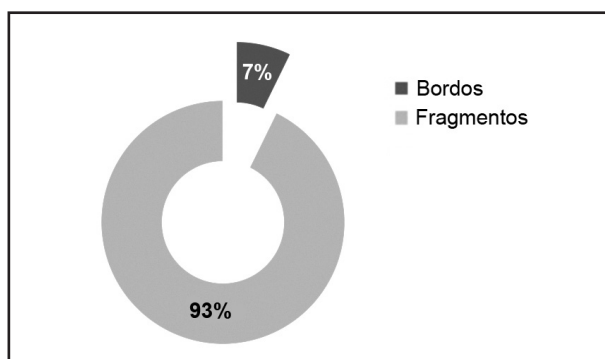


Gráfico 1 - Cerâmicas recolhidas no povoado da Praia do Forte Novo.

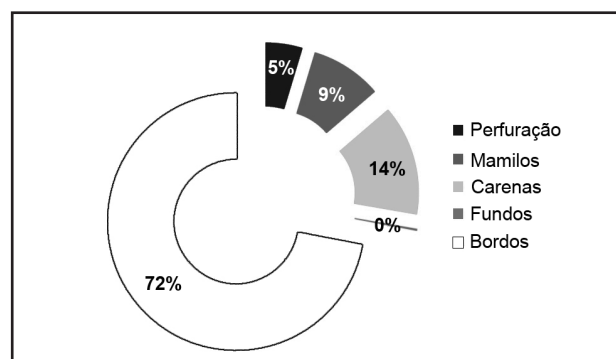


Gráfico 2 - Fragmentos de recipientes cerâmicos recolhidos no povoado da Praia do Forte Novo.

3. Conclusão: os sítios e os dados

As primeiras leituras que podemos fazer, a partir dos dados disponíveis, são a de que o povoado da Praia do Forte Novo contrasta, em diversos aspectos, com o restante conjunto de sítios intervencionados e que se podem genericamente enquadrar como locais de produção de sal, nomeadamente o da Ponta da Passadeira (Soares, 2000 e 2008) e o Monte da Quinta 2 (Valera, Tereso e Rebuge, 2008). Naturalmente que a abordagem e análise se restringe, na Praia do Forte Novo, a 13m² do povoado (não escavados integralmente) ao contrário dos 121m² da Ponta da Passadeira ou dos 482m² do Monte da Quinta 2.

Apesar de não se encontrarem publicadas as quantificações dos materiais recolhidos na Ponta da Passadeira e no Monte da Quinta 2, os autores referem, para os dois casos, a presença de entulheiras repletas de materiais, de forma e dimensão muito variadas (Soares, 2008; Valera, Tereso e Rebuge, 2008). Na pequena amostra sondada na Praia do Forte Novo não nos foi possível identificar esta realidade.

No que diz respeito à presença de estruturas, o povoado do Monte da Quinta 2 é sem dúvida o que apresenta uma maior diversidade (32 entulheiras de diferentes formas e tamanhos; 1 fossa interpretada como provável estrutura para secagem; estruturas de combustão com empedrados de seixos rolados ou com argilas; buracos de poste; alinhamentos pétreos de difícil interpretação) mas, também, foi o mais exaustivamente escavado (Valera, Tereso e Rebuge, 2008).

Em relação às formas cerâmicas, existia um predomínio de *recipientes com formas de perfil tendencialmente cónico, abertas, por vezes com paredes sinuosas e muito finas [...] as pastas apresentam poucos e finos desengordurantes, sendo o exterior mal cuidado, observando-se as marcas de alisamento manual, contrastando com um interior mais regular (Idem: ibidem, 293).*

Na Ponta da Passadeira a situação é, de certa forma, similar à do Monte da Quinta 2, em termos

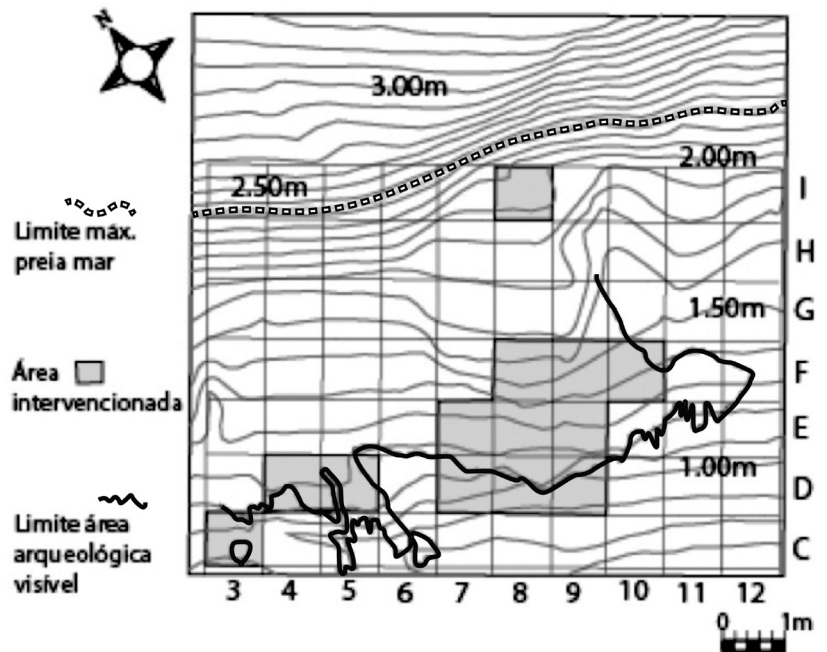


Fig. 3- Levantamento topográfico e quadrícula estabelecida para a escavação.

de estruturas e de tipos de recipientes. Para além dos fornos de produção de cerâmicas, extensas entulheiras, de lareiras em fossa repletas, envolvidas e sobrepostas por entulheiras de fragmentos de cerâmica, onde abundavam corniformes [...] as cerâmicas, quase exclusivamente lisas, de formas monótonas e standardizadas, com pastas pouco depuradas [...] no sector das lareiras dominam as taças em calote [...] nas entulheiras dos fornos, predominam os vasos troncocónicos. Ambas as formas são mal alisadas externamente (Soares, 2008: 361). Para além destas evidências recolheram-se neste povoado faunas (peixes, animais domésticos, moluscos marinhos) e um osso humano.

De realçar a sobreposição de estruturas como os fornos de cerâmicas sob as entulheiras o que parece indiciar uma longa diacronia de utilizações deste espaço.

Como se pode constar, os materiais recolhidos nestes dois sítios contrastam com os da Praia do Forte Novo e levantam um leque de interrogações que muito provavelmente nunca se conseguirá vir a solucionar, face aos problemas deste sítio.

Quadro 3 - Tipos de materiais recolhidos, por sítio (sgd. Soares, 2000 e 2008; Valera, Tereso e Rebuge, 2008).

	Taça calote	Taça carenada	Taça/vaso trococónico	Esférico	Esférico mamilado	Suporte	Peso tear	Pedra lasc.	Pedra polid.	Elemento mó	Seixo	Fauna
Praia do Forte Novo	X	X	—	X	X	—	—	X	—	—	X	—
Ponta da Passadeira	X	X	X	X	X	X	—	X	X	X	X	X
Monte da Quinta	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	—

Perante a escassa área intervencionada, as diferenças existentes em termos de artefactos recolhidos e estruturas identificadas (sobretudo em relação a Monte da Quinta 2) considero que se devem manter as reservas anteriormente assumidas sobre a (s) funcionalidade (s) do sítio da Praia do Forte Novo (Rocha, 2004):

- um local de produção de sal;
- um povoado neolítico, mais ou menos extenso, de que apenas se recolheram informações numa área restrita;

A ausência perturbadora de outros indicadores, como a pedra polida, a pedra lascada e restos faunísticos não pode ser minimizada atendendo aos paralelos conhecidos para este tipo de povoados, quer sejam ou não produtores de sal, de cerâmicas ou simplesmente locais de habitat.

Bibliografia

ESCACENA, J. L. (1994) – Acerca de la producción de sal en el Neolítico Andaluz. In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Actas del Encuentro Internacional de Arqueología del Suroeste*. Huelva: Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, p. 91-118.

MEDEIROS, C. A. (1987) – *Introdução à Geografia de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa.

RIBEIRO, O. (1987) – *Introdução ao estudo da ge-*

ografia regional. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

RIBEIRO, O. (1998) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 7ª Ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

ROCHA, L. (2003) – Intervenções de emergência realizadas pela Extensão de Silves do Instituto Português de Arqueologia. *XELB*, 4. Silves: Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Arqueologia, p.161-174.

ROCHA, L. (2004) – O sítio neolítico da Praia do Forte Novo (Quarteira, Loulé). *AL-ÚLYÁ*, 10. Loulé: Arquivo Histórico de Loulé/C. M. Loulé, p. 9-42.

ROCHA, L; BARROS, P. (1999/2000) – Escavações de emergência no povoado do Forte Novo (Quarteira, Loulé). *AL-ÚLYÁ*, 7. Loulé: Arquivo Histórico de Loulé/C. M. Loulé, p. 19-25.

SOARES, J. (2000) – A Ponta da Passadeira e a diversidade do registo arqueológico do IV/III milénios A.C. *Actas das 1ªs Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul*. Barreiro: CMB, p. 88-109.

SOARES, J. (2008) – Economias anfíbias na costa Sudoeste Ibérica IV/III milénios BC. O caso da Ponta da Passadeira (Estuário do Tejo). *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Alicante: MARQ, p. 356-364.

TEIXEIRA, S. B. (1999/2000) – Contribuição para o conhecimento da evolução do litoral de Quarteira (Algarve – Portugal) nos últimos 8000 anos. *AL-ÚLYÁ*, 7. Loulé: Arquivo Histórico de Loulé/C. M. Loulé, p. 27-53.

VALERA, A. C; TERESO, J. P; REBUGE, J. (2008) – O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico Final/Calcolítico do estuário do Tejo. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, p. 291-305.

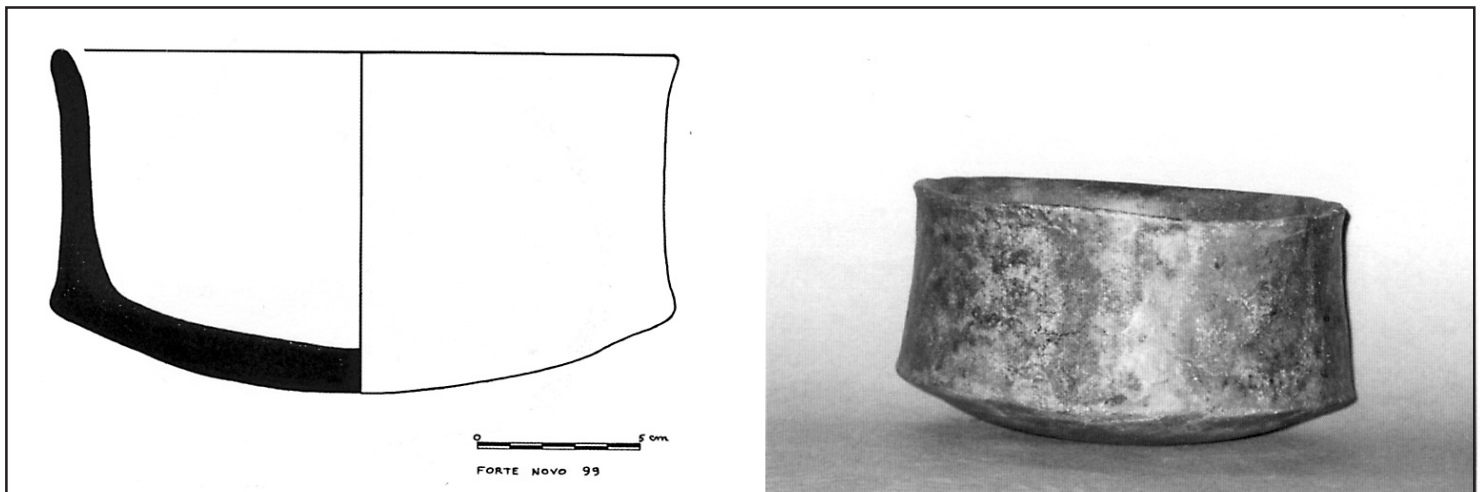


Fig. 4 - Praia do Forte Novo. Cerâmica lisa.

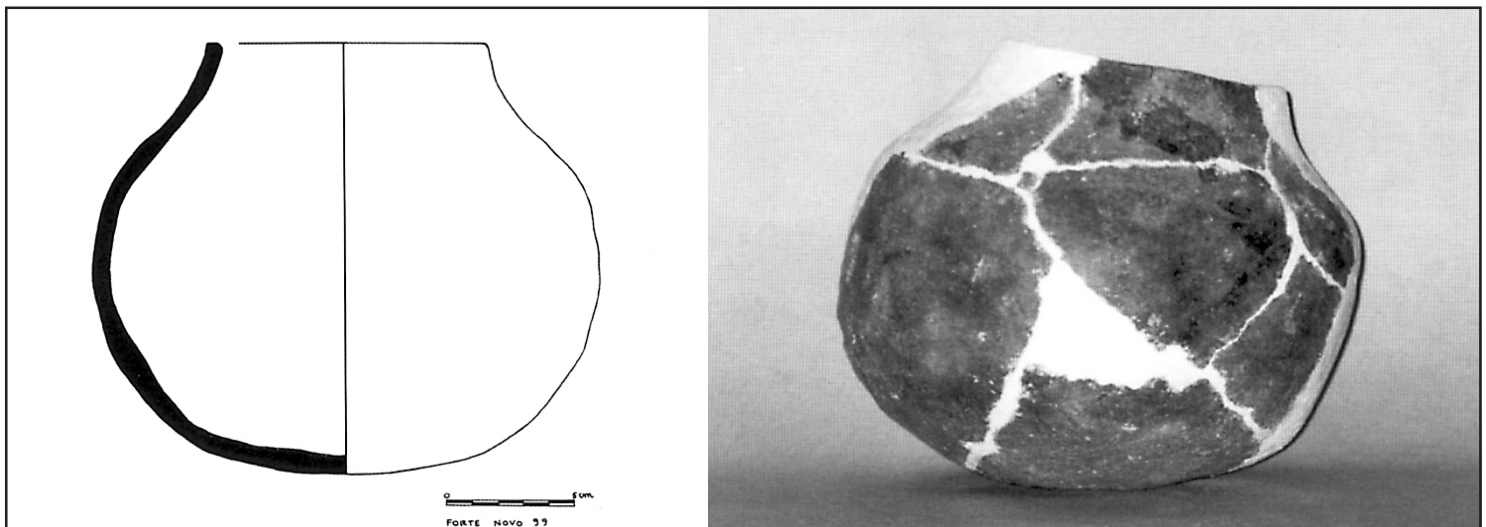


Fig. 5 - Praia do Forte Novo. Cerâmica lisa.

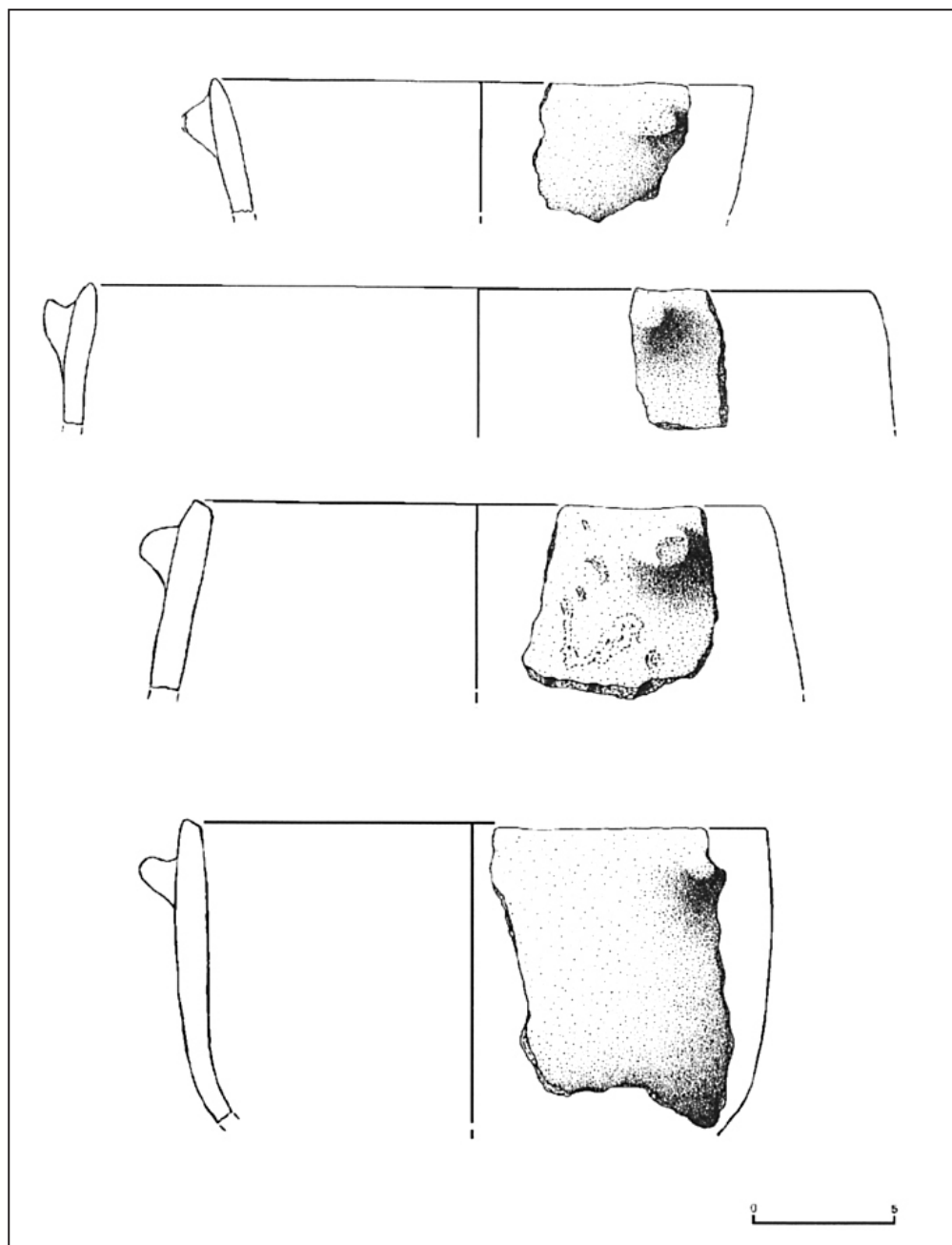


Fig. 6 - Praia do Forte Novo. Cerâmica lisa.